

# *o palhinhas & ca.*

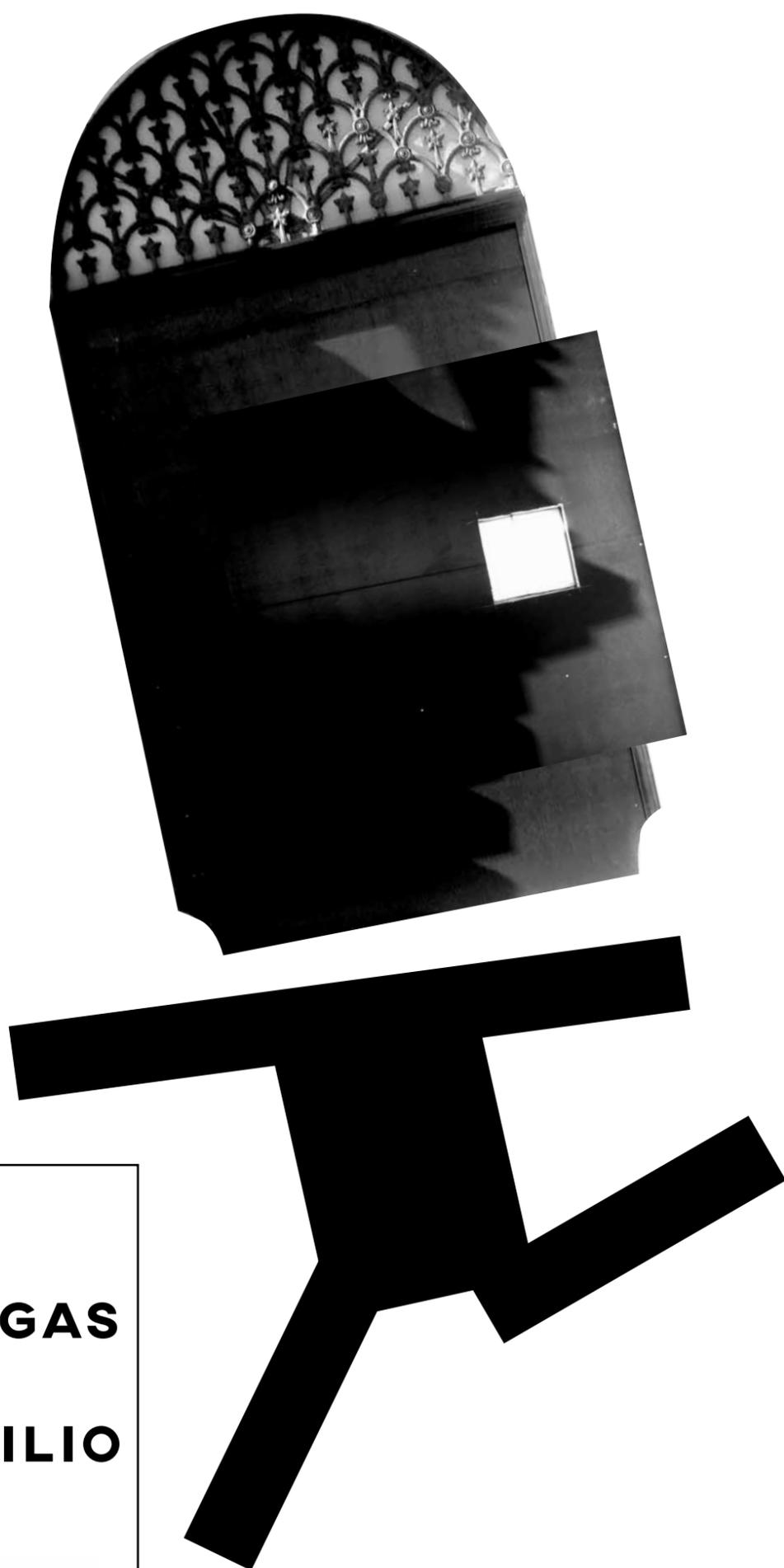
colecção periódicos locais / mensais  
número 69  
março / abril 2021

directório colectivo   josé de matos-cruz   joaquim jordão   antónio viana   álvaro biscaia

Serei  
sereia  
serei  
areia

Serei  
ser





## ENTREGAS AO DOMÍLIO



RUA DA REPÚBLICA, 116-118  
FIGUEIRA DA FOZ  
233 402 470

### FICHA TÉCNICA

Periódicos Mensais Locais nº 69

Março e Abril de 2021

DIRECTÓRIO COLECTIVO José de Matos-Cruz |

Joaquim Jordão | António Viana | Álvaro Biscaia

MORADA Rua da República, 114 1º sala 5 3080-036

Figueira da Foz

EDIÇÃO FLAGRANTETITULO - Associação Cultural  
(flagrantetitulo@gmail.com)

COLABORAÇÕES V. Claro | Ricardo Lima | Pedro

Silva | Paula B. | Nuno Gonçalves | José de Matos-Cruz

| Joaquim Jordão | João Pedro Méseder | Henrique

Manuel Bento Fialho | Helena Zália | Bruno Fontes | BAP

| Augusto Baptista | AFMFF | António Viana | António

Augusto Menano | André Ruivo | Ana Biscaia | Adília

Lopes

IMPRESSÃO FIG

DEPÓSITO LEGAL 458649/19

João de Azevedo sempre presente.

... **a**o postigo te distin-  
go, vejo, desejo, escolho e acolho, te  
abraço e beijo

...distingo o trabalho que não te re-  
vejo na pobreza, desejo que saibas  
escolher quem melhor acolhe o teu  
abraço e te reconheça num beijo...

olhe lá, afinal venho de tão longe à  
espera de me darem um lanchinho,  
uma maçã que seja, água em minús-  
cula garrafa e um pacotinho de bola-  
chas...e ofereci eu o meu braço sem  
saber se vou encontrar coágulos na  
minha sopa... de lanchinho nicles ba-  
tatóides, resta-me o copo de vinho...  
saúde é preciso para que a justiça  
não se arvore em forte para com os  
fracos e fraca para com os fortes...

e que à saúde se junte a educação,  
erradique-se a corrupção (é difícil,  
nós sabemos) e que o 25 de Abril  
sempre se cumpra e festeje - resistir  
é mesmo preciso...resilir? como? não  
percebo, não chego lá...

agora deu-lhes para isto, redesco-  
brem palavras com teias de aranha,  
falando abexim na expectativa de as  
portas se abrirem à fortuna...tomem  
lá umas moedas a ver se pega...

**V. CLARO**

**entrevista com Nuno Gonçalves**  
Vereador da Cultura da CMFF

# Em tempo de pandemia, e pensando num tempo futuro, como pode a cultura ser factor para recuperação e desenvolvimento do concelho?

**O PALHINHAS** Em tempo de pandemia, e pensando num tempo futuro, como pode a cultura ser factor para recuperação e desenvolvimento do concelho?

**Nuno Gonçalves** A cultura representa em si mesmo um motor de crescimento e desenvolvimento, seja condicionada por vinculações advindas da pandemia ou expurgada dessas perturbações. Historicamente, a cultura sempre esteve presente e sempre foi alvo de “pandemias” várias que a fita do tempo ajusta em função da essência cultural mais pura: a criação e a criatividade. Sou daqueles que acha que a cultura deve estar ao serviço de todos os setores da sociedade, até da própria cultura e que esta tem a força intrínseca da transformação do mundo. Em concreto, a ambiência pandémica deve constituir um desafio e motivação bastantes para que os artistas assumam o papel estimulante do desenvolvimento criativo. Os diversos “agentes culturais” podem reinventar-se e inovar-se. Todos nós, em certo momento, percebemos o quanto perdemos com a pandemia. Isso exortará a

que os públicos reajam a estes estímulos, participem e consumam avidamente os produtos culturais que transfirmam essência e qualidade.

Importa tentar aliar o conhecimento, as artes, a criatividade, a coesão social e a educação como partes de um todo, com vista à constituição de um concelho com todos(as) e para todos(as). Cultura é sinónimo de desenvolvimento económico, de emprego, de inovação, de empreendedorismo. Permite a criação de valores democráticos e de cidadania assentes numa premissa: a participação de todos.

**P** Que tipo de apoios foram dados aos agentes culturais da cidade, neste último ano e no ano em que vivemos, neste contexto específico?

**NG** Vale a pena começar por densificar o conceito de agente cultural. Na minha visão, os agentes culturais são todas as pessoas singulares ou coletivas que atuam no setor público e privado e que têm relação com o processo cultural, incluindo os públicos usufrutuários.



**DELIVERY • RESERVAS • TAKE AWAY**

Uber  
Eats

Glovo

comer  
em casa.

**233 098 079**

**TODOS OS DIAS**  
12h30-15h 19h-22h30

Nessa medida, o a estratégia Municipal foi, tanto quanto material e legalmente possível, manter a agenda cultural de índole eclética e de acesso democrático ativa. Esta decisão, até ao limite do possível, permite manter ativas certas sinergias para os públicos, promotores, criadores, artistas, equipas técnicas e tende a evitar cortes radicais nas práticas e hábitos culturais dos cidadãos.

Foram criadas alternativas de acesso a produtos culturais com o fito de incentivar e até intensificar a procura, como são disso exemplo os catálogos on-line das exposições e divulgação de artistas, o programa de empréstimo de livros com entrega no domicílio dos requerentes, o projeto de poesia on-line com a participação de vários atores amadores e profissionais e a transmissão online de filmes no âmbito da projeção de cinema às sextas.

O próprio Município tem grande responsabilidade na manutenção de profissionais da cultura, com a constituição de várias equipas interdisciplinares nos seus serviços e de potenciar relações culturais com agentes externos à esfera jurídica do próprio Município. O acesso democrático e regulado aos equipamentos municipais para os agentes culturais, representa também um estímulo muito relevante no desenvolvimento das atividades culturais.

Foram, ainda, adotadas medidas que privilegiaram sempre o reagendamento de espetáculos em detrimento do mero cancelamento. Assim, no uso de prerrogativa legal e de vontade estratégica, foram adiantados 50% dos custos dos espetáculos e reagendados para datas vindouras. Os agentes culturais que são concessionários de espaços municipais puderam usufruir das medidas de apoio concedidas, por exemplo, isenções da renda e diferimentos de obrigações para os períodos aprovados pela Câmara Municipal.

Numa visão holística da sociedade e da cultura, importa

valorizar as várias manifestações, quer de pendor mais popular ou de índole mais erudita. As agremiações e as coletividades foram beneficiárias em 2020 de mais de 150 mil euros, em tranches antecipadas fruto das dificuldades pandémicas, correspondente a atividade regular, extraordinária e apoios de transporte.

**P Como homem político responsável pela pasta da Cultura esclareça-nos sobre quais seriam, a seu ver, os projectos fundamentais para o desenvolvimento da cidade e do concelho em termos culturais.**

**NG** Decorrem, neste momento, vários projetos que juntamente aos já existentes configuram uma clara estratégia integrada e sustentada para a cultura. A Figueira da Foz tem um conjunto de macro-narrativas e figuras de memória histórica assinaláveis. São exemplo disto Manuel Fernandes Tomás, Cristina Torres, João de Barros, Joaquim de Carvalho e Santos Rocha. O desembarque da esquadra britânica a Lavos com cerca de 16 mil homens comandados pelo general Arthur Wellesley é outro importante momento histórico que constitui uma importante narrativa histórica. A Cultura desenvolvida pelo Município da Figueira da Foz tem vindo a assentar numa lógica de construção de um património comum, de criatividade e de conhecimento – uma cultura única, enraizada na história, em que os cruzamentos disciplinares são essenciais: educação, ação social, turismo, desenvolvimento, desporto, juventude.

O património arqueológico, o património edificado, o património azulejar, as coleções museológicas e todas as restantes manifestações identitárias, são hoje encaradas como focos de especial valor e atenção e o município tem canalizado as suas equipas técnicas especializadas no registo, inventário, estu-

do, classificação, proteção, requalificação valorização e dinamização de todo este acervo patrimonial.

No âmbito da promoção e participação em projetos de reconhecimento e valorização patrimonial, o Município encontra-se a desenvolver, juntamente com a Direção Geral das Atividades Económicas, o projeto Comércio com História que visa salvaguardar os estabelecimentos, entidades ou associações com valor histórico, cultural ou social local. No âmbito do património imaterial o projeto de recolha das lendas, confere uma grande oportunidade.

O Museu e seus Núcleos, a biblioteca e os arquivos histórico e fotográfico, a Casa do Paço e o Centro de Artes e Espetáculos são poderosas marcas identitárias das pessoas e excelentes lugares para a educação, cidadania e partilha de conhecimento.

Por esse motivo continua a ser objetivo a dinamização e valorização destes diversos espaços culturais, destacando o recém-criado Núcleo de Arte Contemporânea Laranjeira Santos, integrado no Castelo Eng. Silva em partilha com o Posto de Turismo e com uma Sala de Exposições Temporárias dedicada à cidade da Figueira.

Realço, também, o projeto já aprovado da Quinta de Ciência Viva do Sal para cooperação, interpretação, estudo e inovação do processo tradicional do Sal, transformando assim o Núcleo Museológico do Sal num espaço ainda com maior atratividade. A revitalização do antigo quartel dos bombeiros municipais, num espaço de acolhimento ao arquivo fotográfico, dedicado à imagem e imagem em movimento, com espaço dedicado de coworking para o setor, constituirá mais uma importante valência da dinâmica cultural do concelho.

Enfatizo, ainda, o investimento municipal realizado na valorização e requalificação dos espaços da Quinta das Olaias, assim como o programa de abertura deste

belíssimo património, permitindo assim, uma maior fruição dos cidadãos, dando a conhecer a coleção Caetano e a coleção de pintura de João Reis. Usufruindo de excepcional beleza e valor histórico, a Quinta das Olaias, proporcionará um riquíssimo acervo de bens culturais e coleções de artes plásticas, potenciando-a num valioso recurso cultural e turístico.

O património natural do Cabo Mondego enquanto Estrato Jurássico e Geo Monumento, assinalado pela correspondência à base do andar Bajociano, representa uma riqueza ímpar. Consciente de que os tramites deste projeto incorrerão em muito mais tempo do que o desejado, estão a ser implementadas todas as démarches necessárias à sua realização.

A confluência de todos estes projetos, compulsada com uma programação inspirada na metáfora do concelho enquanto espaço físico, enquanto espaço de encontro, troca de experiências e saberes, cria oportunidades ímpares de fruição e desenvolvimento cultural.

**P A Figueira da Foz, cidade, não tem no seu coração um teatro. Porquê?**

**NG** Ancorado no princípio inalienável da honestidade intelectual não vou fingir que não entendo a pergunta, embora tenha de assumir que não partilho da premissa da mesma. Entendo que o coração da Figueira da Foz, ou até da cidade, é definido por um vasto conjunto de particularidades e essências, cada um com as suas idiossincrasias. Sem negar a importância do conceito de espaços âncora, considero que esta multiculturalidade e “multi-espacialidade” com as suas consequentes micronarrativas são um belo exemplo da riqueza plural em detrimento de qualquer macrocefalia castradora da diversidade.

Talvez seja por isso que podemos encontrar, só na dita área mais urbana o Centro

de Artes e Espetáculos, o Auditório Municipal, o Auditório da Misericórdia da Figueira da Foz, o Cine Teatro do Grupo Caras Direitas, o Teatro da Trindade do União Foot-Ball de Buarcos e a Sociedade de Instrução Tavadense. Podemos encontrar cerca de meia centena de espaços com características e condições distintas nas agremiações e coletividades do concelho.

É inegável que a Figueira da Foz tem uma ligação antiga, intensa e duradoura com o Teatro. Desde meados do século XIX constituíram-se inúmeros Grupos Cénicos Amadores e edificaram-se algumas das mais emblemáticas salas de espetáculos do concelho, já com luz elétrica e diversas comodidades para o público, como o Teatro-Circo Saraiva de Carvalho (1884) e o Teatro da Trindade de Buarcos (1910) e outras entretanto já desaparecidas, como o Teatro Príncipe D. Carlos (1874), o Grémio Lusitano (1882), o Grémio Recreativo (1888), o Teatro Operário, o Teatro Nicolau, o Teatro Parque Cine e o Teatro Chalett.

Hoje, é com gáudio, que constatamos que o Teatro vive, se reinventa e fortalece dia-a-dia, não só nos palcos das mais antigas agremiações culturais do concelho, mas também das novas, onde os atores amadores – fazedores de cultura e guardiões de memórias e tradições – nos continuam a espantar, a fazer sorrir e chorar. A este propósito é da maior justiça referenciar as “Jornadas de Teatro Amador”, organizadas desde 1976 pelo Lions Clube da Figueira da Foz, com o objetivo de dar a conhecer aos figueirenses os grupos de teatro que existem no concelho. E é da maior justiça referir a importâncias das várias coletividades que, com grande dedicação, se continuam a entregar à nobre causa do Teatro.

**P A Figueira faz parte da CIM - Centro. Que tipo de projectos culturais, que**

**A Figueira da Foz tem um conjunto de macro-narrativas e figuras de memória histórica assinaláveis. São exemplo disto Manuel Fernandes Tomás, Cristina Torres, João de Barros, Joaquim de Carvalho e Santos Rocha.**

**envolvam a comunidade local, podem ser desenvolvidos pela autarquia, neste âmbito, em conjunto com outros municípios?**

**¶** A “Coimbra Região de Cultura” consubstancia o Programa Intermunicipal para a Valorização dos Recursos Patrimoniais, Culturais e Turísticos. Assume como objetivo central valorizar os recursos patrimoniais, criar produtos turísticos de qualidade que contribuam para o aumento do número de turistas, visitantes e afirmar a região como destino turístico de excelência. Neste momento, temos várias candidaturas aprovadas que envolvem a comunidade local, artistas amadores e profissionais.

A título de exemplo, destaco a candidatura em que o Município da Figueira da Foz é líder: O MAR QUE NOS UNE. Trata-se de rede de programação de natureza intermunicipal (Figueira da Foz, Cantanhede e Mira) com uma programação atrativa e diferenciada, com 208 eventos, a realizar em espaços patrimoniais, maioritariamente ao ar livre, que valorizem o património do território. A programação irá ocorrer durante os anos de 2021 e 2022, permitindo a itinerância de espetáculos, bem como a circulação de públicos

**¶ De que mecanismos dispõe a cidade para gerar emprego a trabalhadores da cultura? Existe algum programa/plano pensado nesse sentido? E Porquê?**

**¶** Julgo que a problemática a que se refere quando menciona gerar emprego a trabalhadores da cultura, seja um dos problemas centrais no desenvolvimento cultural em todo o mundo e não apenas na Figueira da Foz, ou seja, a constituição de carreiras e a possibilidade de profissionalização no setor da cultura. Este enorme desafio tem molduras várias no caminho da sua construção. Tem necessariamente uma dimensão jurídico-legal que deve prever com especificidade vinculações de maior segurança a este tipo de carreira que encerra em si particularidades de aleatoriedade

e sazonalidade próprias da própria criação e que também dependem da procura e da criação de públicos. Depende do percurso de cultura histórica e organizativa dos territórios enquanto espaço de criação e “alfobre” sinérgico entre as várias artes. Incide na existência de condições físicas de equipamentos e património para potenciar a realização de todas as fases do processo de criação até ao contacto com os públicos.

Considerando que esta problemática transcende em larga escala as fronteiras concelhias, cabe-nos, sem ilusões e à nossa escala, desenvolver esforços para a minimizar e potenciar condições de atratividade para o desenvolvimento de carreiras. É por isto que existe uma aposta forte na co-programação com diversos agentes culturais. Esta estimulação à criação e criatividade também é realizada no formato de aceitação de projetos ou de lançamento de desafios a diversos agentes para realizarem projetos decorrentes de objetivos previamente lançados, estabelecendo laços biunívocos de confiança, trabalho e participação.

Os equipamentos culturais concelhios são, cada vez mais, espaços dinâmicos e têm vindo a adaptar-se aos novos tempos com equipas pluridisciplinares, parceiros, atuação transversal, pensamento crítico e participativo por parte do público e por parte das equipas. Esta abertura tem sido essencial para captar investimento, parcerias e atrair um número crescente de visitantes, mantendo sempre, com coerência e solidez, as atividades que se desenvolvem nos bastidores de cada equipamento.

**¶ Como pode e deve a Figueira afirmar-se culturalmente na região e no país?**

**¶** Para além dos projetos já elencados e da estratégia exarada nas anteriores respostas, explorando de forma inteligente o património material e imaterial, os equipamentos, as equipas técnicas multidisciplinares, é vital criar, inovar e estimular a participação. Ser diferenciador com base nos produtos endógenos e continuar a apostar numa

programação de excelência, de acesso democrático e com relevância nacional e internacional. Constitui valioso interesse proporcionar a estabilização de instituições culturais e instituições de mediação cultural que promovam a criação, a cocriação e o trabalho e programação em rede.

Importa referir que a candidatura de Coimbra a Capital Europeia da Cultura em 2027, envolvendo a Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra, constitui uma inegável oportunidade para dar maior dimensão, escala e circulação pelos territórios do nosso projeto cultural.

**¶ Pensando na sua posição de Vereador da Cultura e da Educação, diga-nos o que pensa sobre a reconversão do Forte de Santa Catarina no Forte, bar? Qual o objetivo? E, falando no plano hipotético, que tipo de ações poderiam ser ali desenvolvidas para ensinar o que é aquele forte e a sua história?**

**¶** O forte de Santa Catarina é um dos monumentos mais simbólicos da cidade que esteve de portas fechadas ao público durante muitos anos. Ao longo desse período, reiteradamente, o Município tentou abrir portas e enquadrar algumas ações, eventos ou exposições naquele espaço mas, na verdade, as condições ambientais das suas salas, a utilização de uma das salas para a sinalização marítima, ou o mau estado de conservação da capela, não permitiam a permanência de grandes atividades. Pontualmente, em contexto de festas da cidade ou eventos das Jornadas do Património, as portas da fortaleza eram abertas e o público podia aceder ao seu interior e subir para os baluartes, mas a questão da segurança era sempre uma condicionante preocupante. Requalificar uma infraestrutura militar, com subsequente aproveitamento turístico é sempre um processo complexo. O município tinha desde 2003 com o Ministério da Defesa Nacional - Marinha Portuguesa (proprietário do imóvel), um protocolo de colaboração que entregava ao município a gestão, uti-

lização e responsabilidades de conservação, mas, na verdade, para além da utilização pontual do monumento, pouco foi feito ao nível da sua manutenção e conservação. A circunstância de o monumento se encontrar fechado também não contribuía para a sua conservação. Encarado como mais do que um monumento histórico, mas especialmente como uma joia na cidade, o restauro, conservação, requalificação e valorização do Forte de Santa Catarina impunha-se e tornou-se, afortunadamente, numa prioridade.

Numa primeira fase, avançou-se com um projeto mais amplo, de requalificação da envolvente do monumento, que resultou na sua maior aproximação às pessoas e numa maior dignidade da sua relação com a cidade. Em 2015, iniciava-se a conservação e restauro da sua estrutura no interior, com um projeto arquitetónico de linguagem moderna, mas subtil, respeitadora das pré-existências, que pretendeu tornar o monumento visitável e dotar o mesmo com um espaço de bar, sanitários e espaço de lazer. Tornar o monumento um espaço com gente, com vida, acessível a todos!

A experiência ao longo dos anos tinha provado que transformar o Forte de Santa Catarina num “mero” espaço expositivo/interpretativo não era o caminho. Era necessário mais do que isso para resgatar a relação do monumento com o público e fazê-la perdurar no tempo, criando uma relação identitária biunívoca e indelével com os cidadãos. Dotar o monumento de uma função diária era também uma forma de recuperar a sua vivência na cidade e a melhor forma de o manter vigiado ao nível dos comportamentos físicos dos seus elementos construtivos.

Após vicissitudes várias associadas do processo de recuperação, creio que se alcançou o propósito a que o município se propôs e que vai ao encontro das políticas de requalificação patrimonial: de uma forma respeitadora do seu passado, a entrega ao lugar de uma função de acesso a todos em plena fruição e que permite conhecer o monumento de uma forma mais agradável, valorizando-o na

sua relação com os cidadãos. Relativamente à segunda parte da questão, importa referir que no âmbito de todo este processo, em 2018, o município editou um livro sobre o monumento (que retrata a sua origem e a sua evolução até ao atual projeto de requalificação). Forte de Santa Catarina- Imagem de um território, é uma publicação interdisciplinar que aborda aspetos importantíssimos do contar histórico deste monumento e apresenta o projeto de arquitetura que esteve na base desta requalificação.

Reconheço, porém, que há trabalho a realizar, nomeadamente a integração física da versão interpretativa do monumento. Tentou-se essa realização no início, com a introdução de uma mesa virtual com conteúdos históricos, mas as condições de humidade do espaço não permitiram o correto funcionamento do equipamento pelo que os serviços municipais da cultura estão a analisar melhores soluções. É importante que a dinâmica instalada continue a valorizar a história do monumento e que continue a colaborar nas iniciativas que o município pretende continuar a levar a efeito no Forte de Santa Catarina, em datas especiais.



**PRAÇA  
GENERAL  
FREIRE  
DE  
ANDRADE**

18

**FIGUEIRA  
DA FOZ**

# Sobre a areia

Quem vem do lado do casino pela Cândido dos Reis, parar junto à passadeira da Rua Miguel Bombarda que ruma à esplanada, e olhar para a esquerda, consegue facilmente ver a praia do Cabedelinho se usar as lentes certas. E se, parado nesse mesmo local, olhar em frente na direção do Relógio, consegue igualmente alcançar com os olhos, usando as lentes certas, a Praia da Claridade. Com uma diferença. Esta última está mais distante que o Cabedelinho, mesmo com um rio Mondego a separar-nos. Este fenómeno, que não é um fenómeno porque é pura realidade, mais facilmente é verificável em pleno verão, quando conseguimos “medir” os chapéus de sol que se dispersam pelos respectivos areais.

Não sabemos se e/ou quando voltamos a ter Cabedelinho. Mas temos a certeza que a Praia da Claridade não desaparecerá tão depressa. E ainda bem, ela é muito precisa e preciosa! Sabemos também, com elevado grau de certeza, que as pessoas que mandam nestas e noutras areias estão satisfeitas com o rumo das areias: acumuladas a norte, roubadas a sul. E isto significa que farão todos os possíveis, como têm feito até aqui, para remediar a situação esbanjando milhões atrás de milhões com dragas de eficiência questionável, ao mesmo tempo que desprezam a celeridade do resultado do tão ansiado estudo do bypass, que teima em não ver a luz do dia. Enquanto isso, os anos passam, as decisões (não) vão sendo tomadas, e aquilo que foi em tempos a rainha das praias de Portugal apresenta hoje um aspecto perfeitamente desolador, sem ponta de intervenção que se vislumbre, nada digno da beleza de uma cidade como a Figueira da Foz. Areia? Estamos cheios dela. Principalmente nos olhos.

PEDRO SILVA

HELENA ZÁLIA



JOÃO PEDRO MÉSSEDER

# Arenosas: seis líricas, uma ibérica e quatro quadros

1

Sendo nómada a areia,  
as dunas são sedentárias  
como eu.

Vai, pois, areia minha,  
vai outras dunas cobrir  
e arenar outros sonhos.

2

As nuvens de areia feitas  
que as dunas são,  
os suaves seios de areia  
que as dunas são,  
as grandes esculturas de areia  
que as dunas são,  
as ondas esculpidas na areia  
que as dunas são,  
o vento escultor das dunas  
viciado em areia fina  
e a caneta a copiar o vento  
ou o longo bico das gaivotas  
e o poema a copiar as nuvens  
e os seios de areia feitos  
que as dunas são...

3

Gosto de areia grossa e vítrea  
gosto de a ver lavada pelo mar  
amada pelo mar  
lambida pelo mar.  
Gosto de saber que se há-de ir  
aquele grão  
até dar à costa  
noutra praia atlântica  
do lado de lá  
ou do lado de cá  
pelas ondas levado  
pelas ondas lambido  
pelas ondas lavado.

4



Grão de areia no soalho da sala,  
de que paraíso ou inferno vieste  
trazido por meus pés  
para este chão?

5. Carlos de Oliveira

Arenosa Gândara,  
arenosa existência  
a de quem,  
no tempo do cultivo,  
tentou lavrar esse chão pobre.

E a de quem  
colheu palavras dele  
para tecer uma teia contra o tempo  
(elevando esse chão  
à condição de cristal).

6

Abjurar abismos,  
lutar por um istmo  
para atravessar.  
Pode ser de areia,  
pode ser de pedra,  
até pode (oh maravilha)  
ser de mar –  
assim ele me deixe passar.

7

Arenosa, muita vez,  
a voz de nuestros hermanos,  
curtida amiúde pelo álcool,  
pelo tabaco, pela conversa.  
Menos arenosa, alguns pensam,  
a voz de nuestras hermanas.

8

“Não me atires  
areia pr'os olhos”,  
pensa o operário,  
olhos postos nos lábios,  
nas mãos, nos esgares,  
no fato-gravata  
do gestor discursando  
em plenário da empresa  
sobre as muitas dificuldades  
e desafios que o futuro  
“a todos reserva”.

9

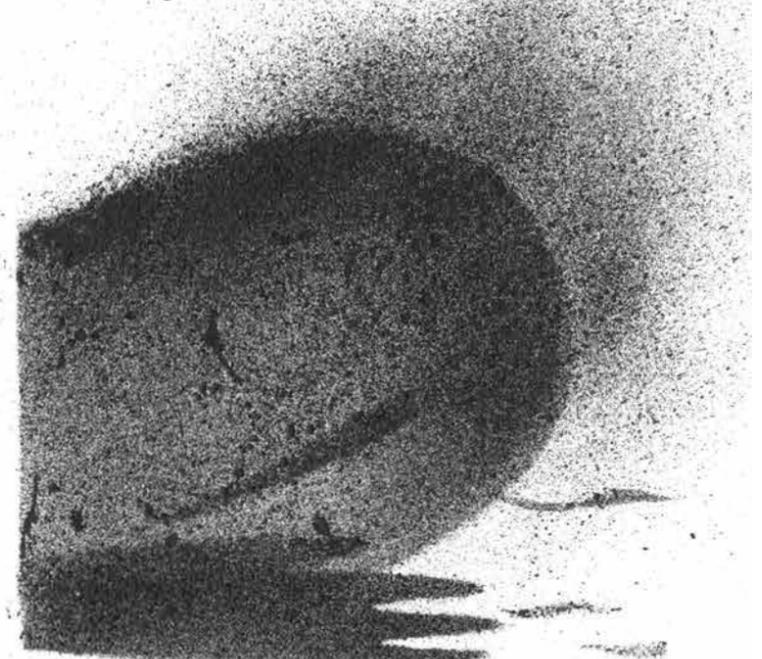
“Areia de mais  
para a tua camioneta”,  
assim pensa serena  
mas feroz  
a orientadora,  
olhos fixos  
no caderno de notas  
do doutorando.

10. O migrante

Em sonhos o migrante  
chegou à costa  
e lembrando-se de Ali Babá  
disse:  
“Abre-te, mar!”  
E o mar abriu-se.  
E lá estava no fundo a areia,  
molhada ainda,  
e sobre ela  
búzios e caranguejos  
e polvos ainda trémulos  
mas à beira de morrer.  
Recordou-se o migrante  
de Moisés, nesse momento,  
e do povo eleito  
e de todo o ferro-velho  
do Antigo Testamento.  
E então encetou a travessia  
rumo à Europa,  
sentindo ainda nas narinas  
um intenso cheiro a maresia.

11

O primeiro desígnio  
dos meios de comunicação social  
é vender(em-se). Acontece  
que a verdade por si só não vende.  
Por isso, há que a distorcer  
ou mesmo que a substituir  
por outra coisa qualquer.  
Pode ser areia. Da fina  
ou da grossa.



# IR A MAZ TE PARA DESCOBRIR O SAARA

HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

**T**enho sonhado amiúde com os tempos de estudante, porventura afectado pelos dramas do mundo. Surge-me dum fundo que supunha perdido a imagem de uma miúda vaiada na secundária de Rio Maior, onde estudei, depois de alguém haver reparado nas sobrancelhas excessivamente depiladas que lhe sublinhavam os sobrolhos. Naquele tempo, as esteticistas eram o inverso do que hoje se passa com as estatísticas. Rareavam e estavam apenas ao alcance da burguesia abastada. Agora qualquer miúda arranja facilmente as sobrancelhas sem sair de casa, basta um tutorial no YouTube e exemplos a seguir expostos no Instagram. E lembro-me do puto João a entrar na Aldeia dos Macacos (bloco onde os mais novos tinham aulas) com uma máquina zero que valeu todo um pavilhão em delírio a apontar-lhe a cabeça. A depilação tinha deixado ambos com um aspecto freak, isto é, anormal. Como não gozar com a aparência aberrante que exibiam para desconforto das mentes uniformizadas? A normalidade, como sabemos, é a mais cruel das ditaduras. E o mundo está repleto de homens-elefante. Da Alemanha nazi às complacências criminosas de Abu Ghraib não faltam exemplos.

Tudo o que, por esta ou aquela razão, descarile na linha da normalidade, motivará temporais de preconceitos. Os preconceitos são a farda padronizada dos soldadinhos que zelam pelas convenções, toda uma violência exercida sobre o outro, o diferente, que parte dum princípio humano básico e desde há muito propagado: em nome da ordem social apaga-se, tanto quanto possível, a desordem individual. Repare-se neste exemplo de

há não muito, uma moça brasileira transformada em notícia por usar mini-saia na escola. Logo se viu vítima dos pedregulhos salivares cuspidos por hordas em fúria. Ela defendeu-se assegurando o óbvio, que não fazia mal a ninguém, que se limitava a ser ela mesma, não percebendo quanto neste mundo o mais ameaçador dos delitos é precisamente o de ousarmos ser nós próprios. Jesus tentou resolver este problema ao salvar da lapidação uma mulher adúltera: «Aquele de vocês que nunca pecou, atire-lhe a primeira pedra» (João, 8,7). Já a ministra Damares Alves prefere ameaçar com o inferno os hereges que transam por prazer. «Transar é de esquerda», assevera. Que bem nos sentimos do lado certo da História.

A igreja promove o pecado, sempre discutível em matéria de adultério, generalizando as fraquezas da carne como justificação do perdão. Passa-se algo semelhante com o conceito de tolerância, o que talvez se entenda melhor recorrendo a uma citação de Agostinho da Silva: «Entre as palavras e as ideias detesto esta: tolerância. É uma palavra das sociedades morais em face da imoralidade que utilizam. É uma ideia de desdém; parecendo celeste, é diabólica; é um revestimento de desprezo, com a agravante de muita gente que o enverga ficar com a convicção de que anda vestida de raios de sol». Quem tolera julga-se numa posição superior à do objecto de tolerância, é o imperador que levanta ou baixa o polegar no termo dos jogos. No fundo, o que os moralistas não entendem, seja no Brasil ou por cá, é a mensagem do amor. Excitam-se mais com crucificações. E isto é estranho. São casos que não diferem na essência do medievalismo com que foi tratada no Afeganistão uma concorrente de um

programa de televisão, o Afghan star, depois de decidir deixar cair o véu e dançar em palco. No Afeganistão estes exercícios de ódio ao diferente parecem mal, por cá são estupidamente legitimados pelo recurso a conceitos tais como os de tradição ou bons costumes, os dos “portugueses de bem”, para não falar da falácia reiteradamente pronunciada do “pôs-se a jeito”.

Está visto que não há grande diferença mental entre o mundo dito civilizado das autoproclamadas “civilizações superiores”, de raiz judaica e cristã, e o mundo dito incivilizado dos outros (sejam muçulmanos, africanos, índios, ciganos...). No que concerne a sacar vacinas contra a covid-19 a barbárie toca mais a uns do que a outros, é certo, mas em termos de liberdades fundamentais é tudo oco, vazio, mesquinho, inquisidor, tristemente bronco e grosseiro e boçal. O que explica isto? Não sei, mas lembro-me de uma professora de Filosofia Medieval, versada em Santo Agostinho, Santo Anselmo, São Boaventura, São Tomás e outros santos em geral, que se maravilhou ao visitar a escola onde então eu estagiava. Motivo de espanto? «Os pretinhos também gostavam de jogar xadrez», palavras da reverendíssima Senhora Professora Doutora. Foi com ela que sonhei há dias, a olhar Dikita à distância de 3,3 milhões de anos. Dikita, um esqueleto fossilizado encontrado na Etiópia, um esqueleto de uma criança que passava boa parte do tempo nas árvores e que ainda não usava a fala humana.

Também tive um professor de Filosofia Moderna, o mesmo de Filosofia Social e Política, que se achava muita piada ao imitar durante as aulas a pronúncia beirã de Carlos Carvalhas (ex-secretário-geral do PCP), mas que se mostrou algo irritado

quando uma vez lhe fiz ver que estava com o pulôver vestido do avesso. Sonhei com ele, era uma espécie de homem do piano, o enigmático indivíduo encontrado a vagarear numa praia inglesa, sem documentos, sem identificação. Desenhou um piano na areia quando o abordaram, e logo fizeram dele um virtuoso das teclas, supostamente alemão, fraude muda, a tocar com as pontas dos dedos dos pés o teclado de grãos do areal onde veio ao mundo. Outro que me aparece em sonhos é o professor de Ontologia, empenhado tradutor de "A Metafísica", de Aristóteles, que não passava das notas de rodapé. Já ia em seis volumes só de notas de rodapé. No meu sonho, cada uma dessas notas era um dos 29 mil patinhos de borracha amarelos à deriva nos oceanos durante 15 anos, depois do navio que os transportava haver naufragado.

Parece que me afasto do tema central, mas na verdade não. Isto leva-me a um sonho comigo próprio que me assalta amiúde. Durante uma aula de lógica onde se discutiam as aporias de Zenão, o professor dizia que já existiam mais cópias de Frida Kahlo no mercado do que originais, e que isso era uma garantia do sucesso da autora, e eu dizia-lhe que havia falsificadores cuja fama era tanta que as falsificações valiam mais do que os originais, e ele dizia-me que cada um de nós era uma falsificação de si mesmo, e eu respondia-lhe que ele era uma aporia de Zenão, e ele retorquia que não, era uma falsificação de uma aporia de Zenão, e eu dizia-lhe que a humanidade estava perdida, e ele tentava explicar que nada se perdia sem antes se ter encontrado, o que não era o caso da humanidade, e eu argumentava que, no fundo, pouco tínhamos evoluído desde os 3,3 milhões de anos de Dikita, que talvez a única diferença fosse já não passarmos praticamente tempo nenhum nas árvores, mas ele dizia que passávamos, que as árvores estavam a ser transformadas em papel e que nós passávamos quase todo o nosso tempo no papel, ou seja, em árvores transformadas como o fiambre é carne de porco curada, e nisto acordei do sonho com a sensação de que acabara de ter um pesadelo.

Há muito a fazer, por muito que já tenha sido feito. As nossas universidades estão cheias de gente que não sonha, apenas transmite o que garante continuidade no seio da Academia. De alto a baixo, o preconceito que urge combater, seja rácico ou de género, devia começar por um entendimento da realidade que, no fundo, é bem simples: só uma coisa liga todos quantos vivem, estão à morte. E daqui partir para uma revalorização da vida, do estar vivo em convívio, de ser para o outro entre o outro, na presença de, um entre os demais além de mim, actuando por solidariedade com desejo de compreensão do dissemelhante. O que nada tem que ver com tolerância, mas sim com a grande aventura que consiste em observar, estudar, perceber. Daí o perigo de retrocesso que esta coisa que estamos a viver traz, este medo do outro que leva ao distanciamento. Não se pode pretender mais igualdade entre os homens querendo uniformizá-los, é um erro de princípio. Haverá sempre quem não caiba no uniforme. Que fazer com esse? Expulsá-lo da cidade? Os poetas não foram expulsos da cidade ideal por propagarem mitos, mas sim por colocarem em causa as estruturas frágeis de um ideal que pretendia impor-se. Como? Duvidando, confrontando. Num mundo de vítimas e carrascos facilmente os papéis se trocam. Pode parecer areia de mais para as nossas camionetas, mas aproveitar a vida começa precisamente por aqui: aceitar o outro não como um diferente que se tolera, mas como um semelhante que se descobre.





# cataventos

PETISCOS & COMPANHIA

LARGO DO CARVÃO, N.º 5  
3080-070 FIGUEIRA DA FOZ  
+351 233 097 374  
CATAVENTOS.FF@GMAIL.COM





# SCHERZO DE DOIS MOVIMENTOS EM TOM PANDÉMICO IMODERADO (EM COMPASSO ¾)

BRUNO FONTES

(primeiro movimento):

## O meio não é a mensagem

À semelhança de qualquer outra pessoa que tenha o mínimo de respeito pela sua saúde mental, cada vez mais faço o possível por evitar contactos prolongados com essa “janela para o mundo” que se chama televisão, mas reconheço que, tal como reduzir o tabaco ou ir para a cama mais cedo, nem sempre é viável cumprir essa aspiração. Acontece que há uns dias, num desses momentos de incúria, tive a possibilidade de assistir a um spot publicitário de um fornecedor de serviços de Televisão e Internet onde se apresentava um convenientemente grisalho professor que, não obstante deparar-se com alguns percalços, conseguia fazer o melhor que podia para se dividir entre os vários ecrãs em que se instanciavam os seus alunos, de níveis de ensino variados, e atender a todas as suas solicitações com aquela que qualquer um percebe logo ser a sua habitual bonomia e inteligência. No ápice do spot, os alunos surgem no ecrã do seu computador a compor, dividida pelas janelas, a mensagem “obrigado professor”. Não sei até que ponto isto sucede com o leitor destas palavras, mas comigo é frequente acontecer que uma coisa conduza de imediato a outra, que por vezes nada tem a ver com a primeira, só que tem, e este spot fez ricochete na minha memória para acertar numa leitura recente, que pode ser consultada aqui <https://vanschneider.com/blog/the-creative-school-with-no-teachers-homework-text-or-tests/>, e que apresenta uma escola sueca chamada Hyper Island onde foi adotado um sistema de educação inovador que (afirma o artigo) já confirmou no mercado de trabalho o sucesso da sua metodologia, sendo que esta se baseia fundamentalmente nas seguintes premissas: “You don’t get tests, you get briefs. You’re not taught, because teachers are working right alongside

you. You can’t fail, because failure is the goal - it’s how you learn”. Longe de querer discutir os méritos ou os deméritos desta metodologia, pretendo somente incidir no ponto que me fez relacionar o suprarreferido spot publicitário com esta leitura, ou seja, nada menos do que a relação docente-discente que esta escola estabelece, e que passo a traduzir livremente para aqueles que possam ter mais dificuldades com o inglês: ninguém te ensina, porque os professores estão a executar as mesmas tarefas que tu. Sem querer também comparar ou valorar esta metodologia em relação a qualquer outra, não será um pouco isto que está a acontecer neste preciso momento no contexto que o Ministério de Educação, para lhe dar um ar mais savvy, cunhou de E@D? Por esta altura já todos sabemos muito bem que temos uma classe docente envelhecida e no limiar da infexclusão que está a fazer o (im)possível para administrar, com as condições que se sabe, conteúdos letivos que já por si são na sua larga maioria desinteressantes para os alunos, seja em que contexto for; falta reconhecer a outra parte deste processo, que é justamente o facto de estes professores estarem sucessivamente a reformular-se a si mesmos e aos conteúdos que ensinam da noite para o dia desde há um ano e constrangidos a fazer algo que muito poucos conseguem de facto fazer nas suas profissões: aprender todos os dias. Porque no fundo este contexto “escolar” comprova que a máxima de Marshall McLuhan, “o meio é a mensagem”, não é de aplicação universal, mas a sociedade, em vez de repensar o meio ou a mensagem, recai na sabedoria popular da acusação do mensageiro. E eu não estou inconsciente do intuito comercial do spot publicitário daquele fornecedor de serviços de Televisão e Internet, mas louvo-o por ousar fazer uma coisa que todos devíamos estar a fazer: ter pelo menos a decência de não enquadrar os nossos professores naquela caixinha que a meu ver só existe nas

fantasias mais voadoras de alguns “iluminados” e a que se convencionou chamar de “burguesia do teletrabalho”.

(intervalo)

(segundo movimento):

## Queimar antes de ler

Por estes dias surgiu também a notícia de que uma doutoranda em Estudos e Teoria Afro-Luso-Brasileiros da Universidade de Dartmouth (Massachusetts, E.U.A., não confundir com a cidade homónima em Nova Scotia, Canadá), Vanusa Vera-Cruz Lima, efetuou uma comunicação académica na qual identifica várias passagens de teor racista em Os Maias, de Eça de Queirós, que, embora não retirem o valor literário da obra, justificam a inclusão de um “comentário pedagógico” para que essa questão não seja ignorada. Curiosamente (ou talvez não), Vera-Cruz Lima defende que a personagem João da Ega, que tem vindo a ser consensualmente identificada pela crítica como um alter-ego de Eça, é mencionada como a mais racista do romance, por expressar opiniões tais como a seguinte, incluída no capítulo XII: «Ega declarou muito decididamente [...] que era pela escravatura. Os desconfortos da vida, segundo ele, tinham começado com a libertação dos negros. Só podia ser seriamente obedecido, quem era seriamente temido... Por isso ninguém agora lograva ter os seus sapatos bem envernizados, o seu arroz bem cozido, a sua escada bem lavada, desde que não tinha criados pretos em quem fosse lícito dar vergastadas... só houvera duas civilizações em que o homem conseguira viver com razoável comodidade: a civilização romana e a civilização especial dos plantadores da Nova Orleães. Porquê? Porque numa e noutra existira a escravatura absoluta,



quaresma

• DESDE 1922 •

SALDOS



ABERTO TODOS OS DIAS

RUA 5 DE OUTUBRO, 18  
3080-073 FIGUEIRA DA FOZ  
TEL. 233 422 334  
sapatariasquaresma@sapo.pt

a sério, com o direito de morte!...». A comunicação foi de imediato extensamente criticada pela Associação de Professores de Português (APP) e por um coro alargado de contornos mais indefinidos que defende, por exemplo, que a investigadora realizou uma leitura viciada e unilateral do romance sem ter em linha de conta (ou sem ter percebido, aferem os mais maldosos) que tais comentários são irónicos. Julgo que são endereçadas algumas outras críticas ao trabalho de Vera-Cruz Lima, mas sinceramente não as entendo muito bem; aquilo que presumo entender é o seguinte: a razão pela qual esta comunicação académica deu tanto brado foi pelo facto de ter sido mundialmente transmitida via Zoom, pois se tivesse sido proferida num anfiteatro ou numa sala de uma Universidade, mesmo que fosse portuguesa, Vera-Cruz Lima ser-nos-ia tão anónima como era há um mês - portanto, e por paradoxal que isso aparente ser, a investigadora tem muito que agradecer à pandemia, já que não há nada melhor para um académico, e isto por questões puramente profissionais, do que ser falado. Também não consigo entender o pasmo por terem sido encontrados conteúdos racistas n'Os Maias - se foi preciso surgir esta comunicação para que se tivesse conhecimento disso, afinal os índices de leitura neste país ainda estão piores do que se supunha. Eça de Queirós foi um homem branco que nasceu, viveu, foi educado e faleceu num contexto em que Portugal se dizia um Império Colonial e em que ainda não tinha sido redigida a carta da Declaração Universal dos Direitos Humanos, por isso é muito natural que ele não pensasse sobre alguns assuntos exatamente como Vera-Cruz Lima gostaria que ele pensasse, mas isso não a invalida, nem a ninguém, de realizar uma leitura crítica, de acordo com a sua ótica necessariamente contemporânea, desta ou de qualquer outra obra literária, e é uma pena que a APP, pelo menos, não consiga entender que nenhuma obra - nem sequer a Bíblia! - é sagrada; só que daí a pretender-se incluir-lhe um "comentário pedagógico" há uma distância, porque todos temos de ter o direito de ler Os Maias ou qualquer outro livro por nossa conta e risco, tendo em conta que o mesmo já está escrito (e não penso que precise de nenhuma adenda) e que o seu autor, para o melhor e para o pior, foi um homem do século XIX que se chamava Eça de Queirós e que, repito-o, talvez não pensasse exatamente como nós. Mas há algo ainda mais importante que deve ser assinalado: alguém acredita mesmo que Vanusa Vera-Cruz Lima, uma investigadora da Universidade de Dartmouth a frequentar um curso de estudos avançados, se limitou a fazer uma leitura tão óbvia e simplista de Os Maias? Eu de facto tenho dificuldade em acreditar que o seu argumento se limite a isto, mas pelo menos reconheço publicamente que não ouvi a comunicação, tal como estou certo que não o fizeram muitos dos que a comentaram ou criticaram. Da minha parte, quero sublinhar que não o quis fazer antes de escrever este texto, mas publicamente me comprometo também agora a fazê-lo o quanto antes, porque senão serei apenas mais um a fintar o meio para chegar ao mensageiro e a queimar a mensagem antes de efetivamente a ler.

(pano)

## do arquivo fotográfico



Col: Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz  
Autor: José Carlos Santos

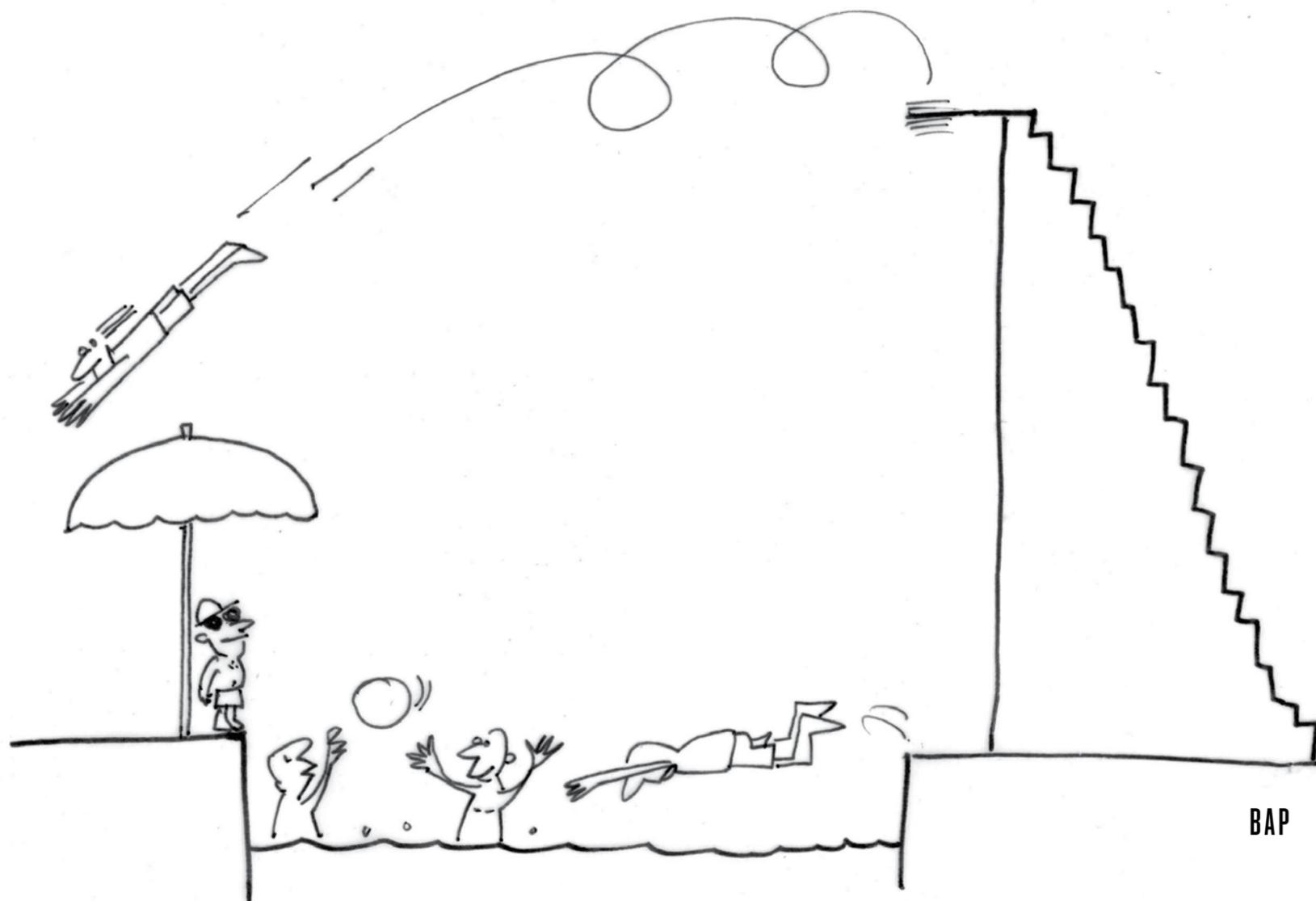
**altri**  
www.altri.pt

QUE A PASTA DE PAPEL DÁ ORIGEM AO PAPEL, TODA A GESTE SABE.  
O QUE PROVAVELMENTE NÃO SABE, É QUE TAMBÉM FAZ CRESCER FLORESTAS.

A Altri gere através de um processo industrial sustentável, mais de 85 mil hectares de floresta certificada pelo Forest Stewardship Council® (FSC®) e pelo Programme for the Endorsement of Forest Certification (PEFC) preservando a biodiversidade. Hoje, somos um dos produtores de pasta de papel mais eficientes da Europa. Agora já sabe.

LC FSC-C004615

## A FUNESTA ATRACÇÃO DO AREAL



**FERENC CAKO**

Carmina Burana

Animação com areia



*a mão era mágica e sabia desenhar até aposto de olhos fechados. O copo e a mão ao mesmo tempo, linha que era duas coisas em simultâneo. a cabeça a jorrar para dentro do papel, o olho fixando partes da vida como se fosse uma lanterna mágica. a menina olhava para a cidade, abria portas, fechava-as e imaginava uma cabeça de cão; morna. era possível inventar desenhos com pó e com areia. era possível.*



MARÉGRAFO

Restaurante  
Rua 5 de Outubro  
Largo "Maria Jarra"  
Buarcos  
233 433 150

# volta sempre, inesperada, assim que tu quiseses

JOSÉ DE MATOS-CRUZ

Maio de 1978

- Porque fizeste isto, meu amor? - conseguiu a custo dizer Dulce, com a navalha espetada no peito. - Eu tinha ficado contigo para sempre!

Abel, confuso, às voltas, estremeceu dos pés à cabeça. Enquanto ia repetindo:

- Sou um desgraçado... Sou um desgraçado!

Aproximou-se da noiva, a sangrar muito. Ela aconselhou, convulsa, sorrindo com um gemido:

- Agora, não me tires a lâmina... Olha que a minha vida sai toda por este buraco!

Abel beijou-lhe a mão suja e suplicante. Uma lágrima dele sumiu-se, furtiva, entre os dedos da rapariga.

Tentou ampará-la, protegê-la mas, a mochila que trazia a tiracolo, embateu contra o corpo dela. Um choque banal. Porém, naquelas circunstâncias, foi o suficiente para que uma golfada húmida e vermelha lhe jorrasse pela boca.

Dulce Ventura estremeceu, para logo se imobilizar. Os seus olhos celestes pareciam cristalizados. Abel Dante sentia a impressão de tudo se acabar ali - ele tinha passado a um tormento supremo, que havia de durar por toda a eternidade.

Então, Abel alcançou a noite, cerrando as pestanas num jeito de renúncia à vida. Estava de joelhos, aparvalhado, suspenso como criatura infame - pelo ciúme e pela cólera que assim consumara, fatalmente.

Abel, que tivera ganas de actor, até se enojar com o cenário da guerra, assumiria - pois - uma expiação tácita, entre a tragédia e a serenidade.

Nada o podia afectar, durante o tempo que passou atrás de grades: o desprezo a que o votou a família, a perversidade dos carcereiros, a rotina e o tédio, a sevícia pelos facínoras, a vontade de fugir a si mesmo.

Abel era capaz de esperar calmamente, até ser posto mais cedo na rua, por bom comportamento. Mas, para ele, não havia rumo nem afã de liberdade. Evadiu-se portanto, quebrou todas as regras, passou a andar a monte, desafiando a autoridade.

Nunca mais foi visto por quem já o conhecia.

Alterou o aspecto físico - deixando-se engordar, e com a barba crescida. Deu vários nomes onde ia surgindo, mas sempre de passagem. Superou, afinal, aquela fase em que alguém se atenua e reaparece uma outra pessoa.

Criatura ou personagem. O cúmulo da representação.

E, porque tudo se tornara inconcebível, as benesses de um Governo consagrado à Comunidade Europeia permitiram-lhe mascarar-se como jovem empresário de sucesso.

Em suma, era dono dum stand de automóveis usados, atrás do qual havia uma oficina de sucata.

Às vezes, o Abel chamado Abílio metia-se numa dessas máquinas infernais, e ia espairecer até à beira-mar.

Aí, ria e chorava. Ora, havia que levar a vida à morte. O mais era prosa pueril. Mal ou bem, Abel languescia na farsa de Abílio, pois com Dulce fendera o calendário da sua realidade.

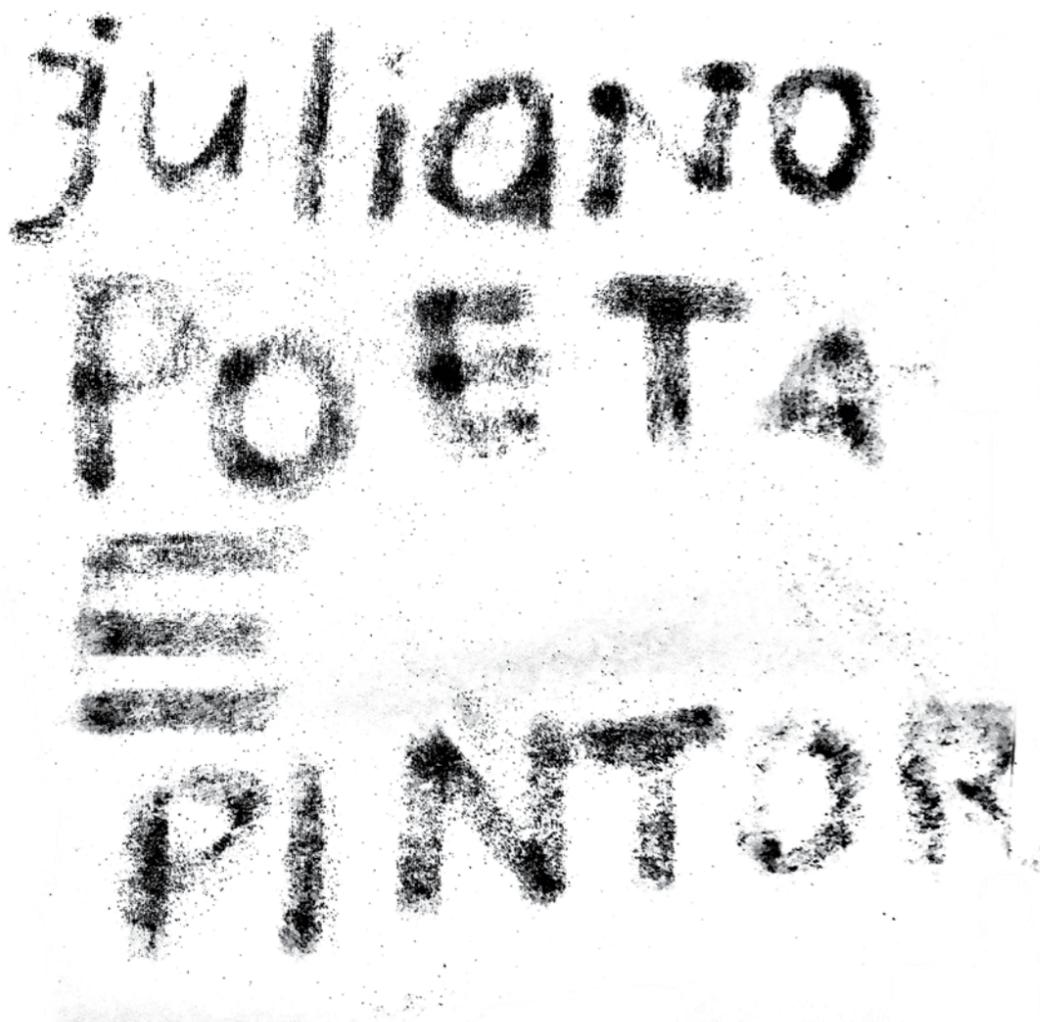
Que viessem os deuses a temê-lo. Que o banisse a pura natureza. Que a própria humanidade quebrantasse. Era como nunca mais terminar, o que fora brutalmente interrompido.

E a ansiedade de Abílio na saudade de Abel continuava, toda, doce e ferida em Dulce...

*Os EntreTantos*



ANA BISCAILA



ANTÓNIO AUGUSTO MENANO

Numa época em que estamos todos preocupados com a educação, a vida, o confinamento, em que “... quanto mais profunda era essa infelicidade, tanto mais ignorada e silenciosa”, como Maurice Blanchot escreveu em “Morte Suspensa”, editado em Paris em 1948. Infelicidades várias, penas de quem não teve livros, nem aulas, nem foram ensinados a amá-los.

Aqui poderia referir o que aprendi com os meus professores, Cardoso, Rui Martins, na primária, Ilídio Sardoeira, no Liceu, Marcos Viana e Rafael Sampaio no Colégio Academia Figueirense, Cristina Torres em sua casa. Ou o outro lado menos feliz de lições que já esqueci. Mas memórias ficarão para depois, ou para

nunca. Neste momento recordo outras escolas, não menos importantes, as do trabalho, da amizade, da luta pela vida.

E há as tenha frequentado. Juliano Alves, que assina na poesia Juliano Amargo, emigrado na Alemanha, foi pescador, guarda de sanitários na praia de Buarcos, fez quase tudo para sobreviver e vem mantendo, em Emmsdetten um trabalho quase ignorado, mas permanente. Por lá escreve poesia, cria as suas gaivotas e peixes, que continuam a circular no seu sangue e nas telas nas quais ele, surrealista “periférico”, “naíf” é tão ingénuo como sincero.

E os livros vão aparecendo, edições artesanais, por ele feitas: “Frei Gedanken”, pensamentos escritos em alemão,

datados dos anos 2012/2014. No ano passado fez “poemas da minha vida”, “fiz o livro á mão, / ao pé não podia ser. / Afinal, quem o fez? Foi o coração, / pelo amor à poesia, sempre a nascer!” O valor deste livro com 94 páginas é constituir um documento poético, escrito com muita sabedoria vivida, de uma vida, a do autor, e evocações de amigos, de figuras populares, de peixeiras, de carregadores, de famintos, de pobreza, de solidão; de pintores ( Michael Barret, Cunha Rocha, Norberto Guimarães, Filinto Viana, João Ricardo, e de muitos outros). “Na galeria magenta, / há pintores a metro. Pintura comercial rabugenta, / exposta em lugar certo?”. Neste livro há uma tristeza flutuando, incisiva: “Tive azar de ter nascido, / num berço muito pobre e familiar. / Valia mais ao nascer ter sido encolhido, / do que viver e muito pensar”. Ou “Eu sempre sozinho de tenra idade, / andava meio-nú pelo chão de cimento, / Em casa não havia electricidade, / só tristeza e fome pela noite adentro”. Fala-nos do “bom coração da senhora Maria Neta”, do Zé-Gordo, da senhora Maria Isabel, de Ivan Pereira, seu sobrinho, de Fausto Caniceiro Costa, do café Moagem, de “A Ana Maria Trindade, a bela Gioconda da Rua de Santa – Cruz, afirma “...a Ana Maria, ainda é ume cinderela. / Tem o cheiro a maresia / quando está à janela”. Espraia-se em ondas de memórias variadas, “Estou embriagado pelas palavras, / vou ser internado no hospital das letras. / As ciências são magras, / tive que sair de muletas”, “O menino Gonçalo, / é inteligente. / É capaz de pescar um robalo / e não diz nada à gente”, “A minha tia chamava-se Clara “Sem-Cú” / morava na rua do castelo. / Era bondosa, tinha batatas num baú, / Foi mãe do meu primo Manuel Belo”, “Eu e o meu primo Carlitos, / jogávamos à bola. / Tão alegres e cachopitos, / Os meus sapatos tinham pouca sola. Há uma transparência, não em

efabular a vida mas de realidade, “O que são os meus retratos / literários? / São críticas, observações, / dores, solidões, saudades / e ausências que existem / Nos vossos pobres corações!”. “As minhas quadras, / são o que são. / Sejam alegres ou pardas, / são alegrias do meu coração”. Quase a encerrar, transcrevo “Fecho a janela do jardim, / rego o meu canteiro de flores. / Se alguém está contra mim / então, dou-lhe as minhas dores”. Ele sabe: “...O jardim não é nenhuma selva, / para os doidos amantes!”. Juliano nunca terá lido Malcolm Lowry, mas “aproxima-se” de “Le gusta este jardín que es suyo? Evite que sus hijos lo destruyan” ( in Debaixo do Vulcão)

José Ledesma Criado, um amigo comum inesquecível escreveu, em 6 de Maio de 1993, sobre Juliano: A nascente dos seus sonhos continua a crescer, que o faz sonhar nas noites junto ao mar da Figueira da Foz, que é a sua terra-natal”.

Em 1982, era vereador da cultura, organizei na sala de exposições temporárias, da época, a primeira mostra de pintura de Juliano. Seguiram-se muitas outras, dez das quais na Alemanha.

Que possamos voltar a ver a ingenuidade fecunda deste figueirense traduzida em telas coloridas, um destes anos, na nossa terra.

Somaro, L. da



galp gás  
energia  
revendedor

Av. Saraiva de Carvalho, 96 - 1º Andar - 3080-056 Figueira da Foz  
Telefone: 233 402 777 / 233 40 77 88 / 233 418 980 - Fax: 233 402 778  
geral@somaro.pt - www.somaro.pt - www.loja.somaro.pt

TIEN 21  
Especialistas em Electrodomésticos

## ESTE JORNAL SUGERE

**ADVOGADOS**  
João Pedrosa Russo  
Rua do Paço, n.º 1

**BEBIDAS**  
Rótulos & Expressões  
R. da República

**CAFÉS**  
PASTELARIAS  
Bola de Neve  
Praça 8 de Maio  
Brasil  
Praça Velha

**Delcar**  
Rua da República  
**Gula (A)**  
Cais d'Alfândega  
**Império**  
R. Bernardo Lopes  
**Nau**  
Largo Dr. Nunes  
**Pharmácia**  
R. Liberdade  
**Príncipe Real**  
R. da República

**CAFÉS**  
PASTELARIAS  
PADARIAS  
Dionísio  
Rua Dr. Luís Carriço  
Tv. Rua Vasco Gama  
Av. do Brasil  
**Rainha**  
R. da República  
R. 10 de Agosto

**CHAVES | COFRES |  
PORTAS**  
Maia d'Almeida  
R. da República

**DESPACHANTES**  
**OFICIAIS**  
Luís Glória & Luís  
Silva  
Av. Saraiva de Carvalho

**DOCUMENTAÇÃO**  
Marcil  
Foz Center  
Rua da República

**ELECTRO**  
**DOMÉSTICOS**  
Somaro  
Av. Saraiva de Carvalho

**FARMÁCIAS**  
**Central**  
R. da República  
**Garcia**  
Praça Luis de Camões  
**Soares**  
R. da República

**GELATARIAS**  
**Emanha 1**  
Av. 25 de Abril  
**Emanha 2**  
Esplanada Silva  
Guimarães

**LIVRARIA**  
Miguel de Carvalho  
R. de "O Figueirense"

**MODA / VESTUÁRIO**  
**Beljor**  
R. Dr. José Jardim

**Roupa Nova**  
Largo do Carvão  
**Sea and Ships**  
Av. Saraiva de Carvalho

**MOLDURAS**  
Só moldura - Aníbal  
Ferreira  
Rua do Paço

**ÓPTICAS**  
**Morais Oculista**  
Praça 8 de Maio  
R. Bernardo Lopes  
**Primótica**  
R. da República  
R. 5 de Outubro  
**Visaóptica**  
Rua da República, 43  
R. 5 de Outubro  
(Buarcos)

**PEIXE**  
**Peixaria Lena**  
Mercado Municipal

**PUBLICIDADE**  
**E DECORAÇÕES**  
**Ondarte**  
Rua Vasco da Gama

**RESTAURANTES**  
**A Paula /15ZÉ**  
R. do Paço  
**Cataventos**  
Largo do Carvão

**Marégrafo**  
Largo "Maria Jarra"  
(Buarcos)  
**Picadeiro**  
Rua Académico Zagalo  
**Praça 18**  
Praça Velha  
**Tasca Maria**  
Rua Francisco António  
Diniz

**Taverna Ti João**  
Rua Poeta Acácio  
Antunes, 7  
**Pifo**  
Rua Dr. Calado  
**Luzzo Pizzarias**  
Picadeiro

**SAPATARIAS**  
**Sapataria Quaresma**  
Cais d'Alfândega  
R. 5 de Outubro

**SEGUROS**  
**Paulo Pinto**  
Largo Tenente Valadim

**TECIDOS**  
**Casa Salgueiro**  
Rua 5 de Outubro

**TIPOGRAFIAS**  
**Fozgráfica**  
Rua da República

## ENTREGAS AO DOMÍLIO



RUA DA REPÚBLICA, Nº196  
FIGUEIRA DA FOZ  
233 401 760

Aos associados, assinantes, patrocinadores e amigos de longa e recente data, informamos que durante os meses de Abril e Maio (para os retardatários), procederemos à renovação das assinaturas da nossa "clientela", alargada aos associados cúmplices dos nossos projectos culturais.

Recordamos a tabela que regula essa anual recolha de fundos :

**ASSINANTES PARTICULARES RESIDENTES NA CIDADE**  
12 eur/ano

**ASSINANTES (FIRMAS COMERCIAIS)**  
**RESIDENTES NA CIDADE**  
12,5 eur/ano  
(dois jornais por edição)

**ASSINANTES EMPRESA CONCELHO DA FIG. FOZ**  
120 eur/ano

**ASSINANTES PARTICULARES, FORA DA FIG. FOZ**  
14 eur/ano  
(inclui portes de correio)

### ASSOCIADOS

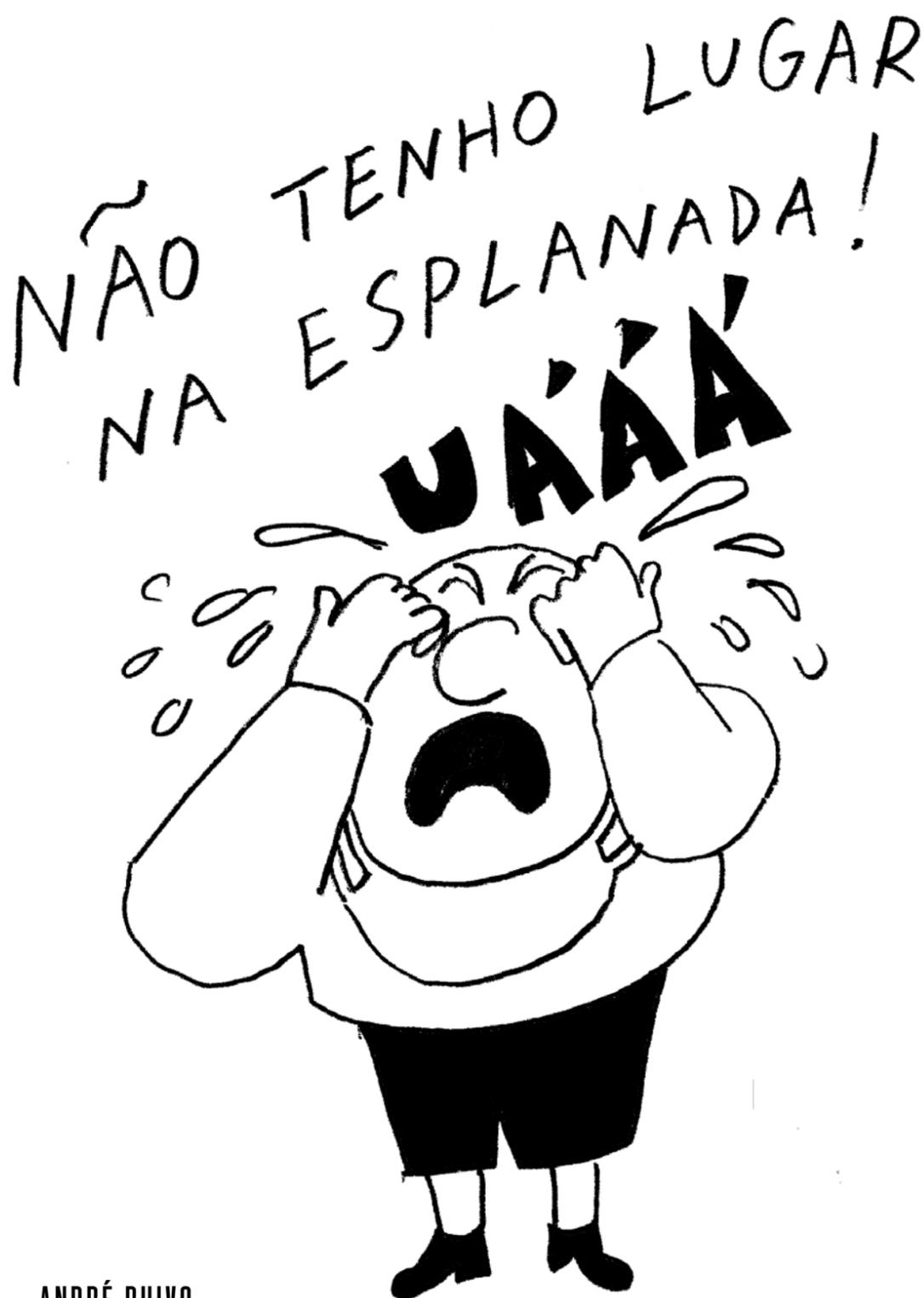
(assinatura "O Palhinhas & Ca" + 25% de desconto em todas as edições da *Flagrantetítulo - Associação Cultural / Xerefé* Edições (livros, brochuras, revistas, desenhos, gravuras, ilustrações, peças de "merchandising")  
20 eur/ano

### NOTA

Para além dos nossos associados, todos os assinantes podem aceder à compra das nossas edições, com direito a desconto de 10% sobre o PVP. O processo de aquisição será feito directamente na *Flagrantetítulo* (Rua da República, 114, 1º, sala 5. 3080-036 Figueira da Foz) ou através de email: [flagrantetitulo@gmail.com](mailto:flagrantetitulo@gmail.com)

Para pagamento, solicitamos de preferência, transferência bancária para o seguinte IBAN PT50 0035 0321 0010 2392 9309 8

Todo o cidadão pode adquirir as nossa peças literárias e artísticas, dirigindo-se para o efeito à nossa sede, ou à Livraria Lusitana (Rua da República), ou Papelaria Satélite (Avenida do Brasil, Buarcos)



ANDRÉ RUIVO

### Na paisagem toda ela mar e

Caminha ao longo da rebentação. De repente tropeça nos destroços de um velho galeão, postos a nu pelas marés vivas.

Avalia o achado: provavelmente restos do cavename do “Buenos Mares” naufragado por ali no século XV, que alguns dizem ter ocorrido mais tarde, outros mais cedo.

Nos fragmentos semeados na palma da mão está o abrir de portas a uma era de certezas. Com inevitáveis escavações, a praia revolvida, a proibição de passeios pelo areal.

Olha para um lado, para o outro, com a ponta do dedo grande cobre as evidências, alisa com desvelo a zona à volta. E prossegue a serena caminhada. Na paisagem toda ela mar e sagrada areia branca.

AUGUSTO BAPTISTA

An advertisement for a typography studio. The background is a close-up, black and white photograph of a galley filled with metal type blocks of various sizes and shapes, some with letters visible. On the left side, there is a white vertical panel containing the following text and logo:

TIPOGRAFIA



DAMASCENO

RUA DE MONTARROIO 45 B  
3000 COIMBRA

tipdamasceno@gmail.com